

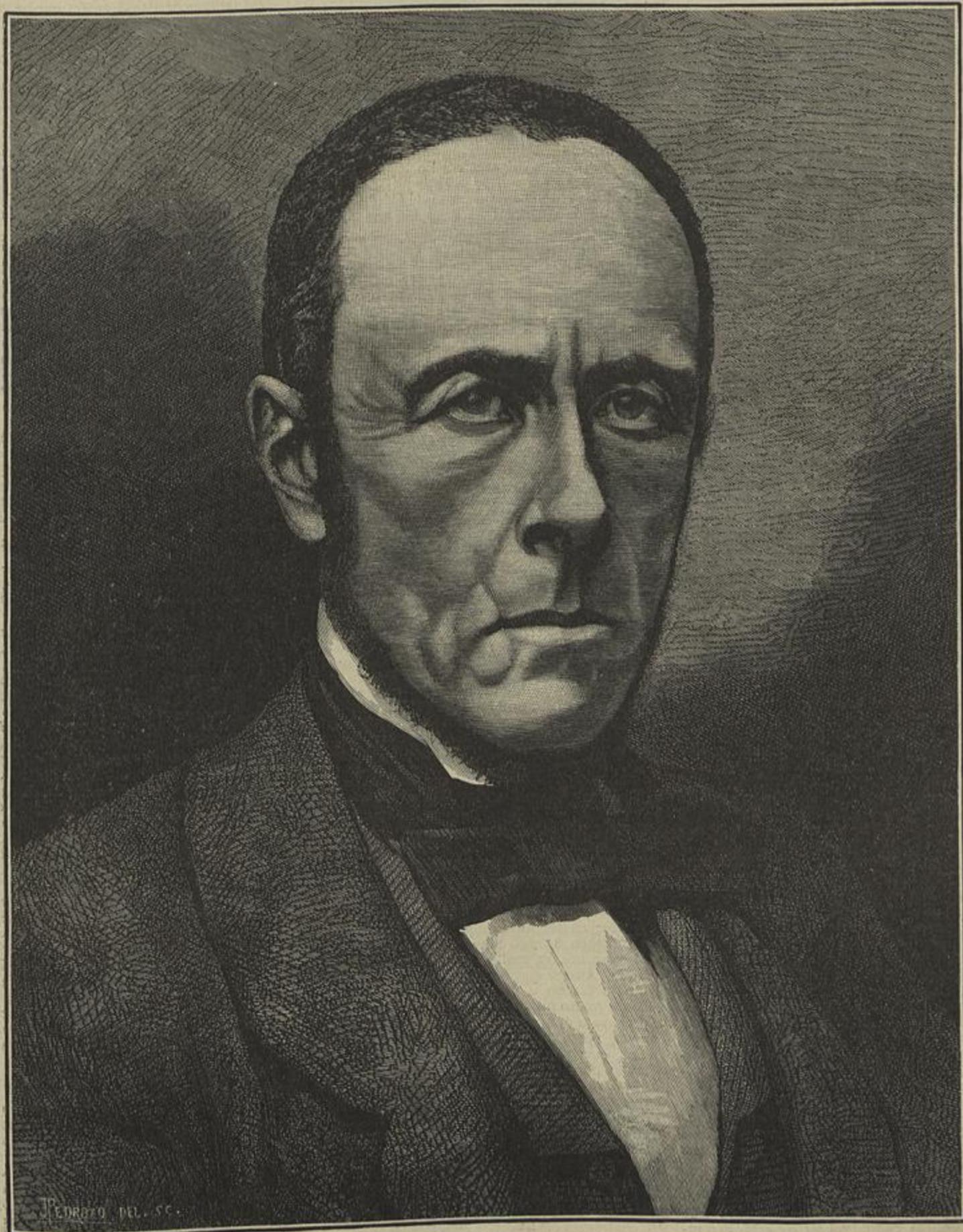
OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XXVII Volume

20 de Setembro de 1904

N.º 926



ALEXANDRE HERCULANO

Chronica Occidental

Nuvens e nevoeiros.

Este mez de setembro, que tão bello costuma ser e com tão lindos poentes costuma adornar-se, tem-se mostrado carrancudo e ainda mais á beira do mar onde vão tantos, por costume, na estação que vai correndo, admirar-lhe os encantos.

Nuvens e nevoeiros ha quantos dias!

E é sobretudo á beira-mar que mais baixas as nuvens apparecem. E o larguissimo horizonte encurtou-se. Faz tristeza. Os navios, os que se atrevem a passar, tornam-se maiores quando avistados atravez do pardacento véo, maiores e mal definidos como fantasmas.

Uns relampagos que, uma d'estas noites, correram lividos por entre as irregularidades do céu cor de chumbo e cor de fuligem, deram uma esperanza de que o tempo alliviava. Mas não. Continuo pesado, deitando uma vez por outra a sua lagrima, aguçando a sensibilidade dos neurasthenicos.

O calor que tem feito, apesar do sol andar sempre encoberto, não dá parecença a estes dias com os do inverno, decerto na sua escuridão menos irritantes.

O mar embrulhado em véo densissimo tem feito das suas, o mar que n'outros annos, n'este principio de outono, nos costumava reflectir todas as preciosidades do céu.

Deu-se n'elle a primeira tragedia com o encalhe do vapor *Conseil Frères* proximo da praia de Carcavellos. Os trabalhos de reparação estão sendo executados na doca Hersent. O ultimo drama, que se deu mais longe da nossa costa, tem uma parte devéras repugnante: a deshumanidade com que o commandante do vapor que abalroou com o *Britannia*, se fez ao largo com o seu navio sem ao menos perguntar em que perigo ficariam os tripulantes. O *Britannia*, que se dirigia de Odessa para Liverpool, em vista das avarias soffridas, recolheu-se no porto de Lisboa.

Já sahiram de Lisboa os naufragos do vapor inglez que no alto mar foi mettido a pique pelo *Inventor* e aos quaes o consul inglez abonou dinheiro e roupas.

No mar tragedias tantas e cá na terra tamanha semsaboria! Não é que haja appetite de trocar, isso não; mas emfim não seria máo que algum caso houvesse para fornecer o noticiario.

Rebuscando em todos os jornaes da semana, apenas encontramos a noticia da nomeação do sr. Antonio de Azevedo Castello Branco para a vaga que se deu no Conselho de Estado pela morte do sr. conselheiro Luiz de Bivar.

Diz-se que o novo presidente da Camara dos Pares será o sr. Moraes de Carvalho, sendo o sr. Antonio de Azevedo nomeado vice-presidente.

E nada mais quanto a politica. E no resto uma verdadeira miseria!

Ainda assim, um d'estes dias, um *reporter* meu conhecido, teve uma esperanza. Não passou d'isso, mas já não foi máo nos tempos que vão correndo. Uma esperanza já é alguma coisa. Contou-m'a com o olho a luz de jubilo.

— Nem mais nem menos... dizia elle.

E a voz embargava-se-lhe na garganta.

— Isto em setembro quando não ha mais nada! Nem mais nem menos do que a vinda a Lisboa da princeza Luiza de Coburgo!

Effectivamente um telegramma publicado pela *Tarde* dizia que a tristemente celebre princeza embarcára no Havre com destino aos portos do Mediterraneo e o vapor *Bischoff* em que tomára lugar, segundo a informação do correspondente, estava ancorado no Tejo. No registro de bordo figuravam dois passageiros com os nomes de Victor Wolskey e Mary Wolskey. Seriam a princeza e o não menos tristemente celebre conde de qualquer coisa, que a ajudára na fuga da casa de saúde onde a internára a prudencia pudibunda dos parentes?

Parece que não, pois que dois ou tres dias antes o tal conde tirára um retrato na officina photographica do jornal parisiense *Le Matin*.

Mais uma esperanza que falhou! Tres ou quatro linhas em vez de tres ou quatro columnas, todas puxadas pelo sentimento, em favor d'uma desgraçada em cuja historia ha mais desvergonha talvez do que razões para mover o interesse.

Decididamente, emquanto o inverno não chegar, parece-nos que nem Diogenes com sua lanterna seria capaz de encontrar assumpto que preste na grande capital quasi deserta. E o inverno ainda vem longe. Apenas um ou outro in-

dicio nos chega, como rumor de foguete indicando a sua aproximação. Foi o ultimo a abertura do theatro da Rua dos Condes, com uma peça, operetta de costumes populares, *Os Varinos*, muito applaudida na sua primeira representação, escripta pelo nosso amigo, redactor do *Seculo*, Rafael Ferreira.

Por emquanto é fóra de Lisboa, apesar de lhes não correrem propícios os dias, que para os divertimentos se encontra alguma febre. Em Cintra, por exemplo, duas devemos especialisar. A vaccada dos curiosos, em que alguns rapazes mostraram valor e geito, sendo applaudidissimos e a *garden-party* nos jardins de Monserrate a que concorreu toda a sociedade elegante que se acha em Cintra veraneando.

De todas as praias chegam noticias da animação que por ellas vai, juntamente com algumas queixas dos velhos jogadores que não sabem agora como hão de matar o tempo.

Mas nem lá de fóra todas as novidades são boas. Muito pelo contrario, que tristes novas teem vindo e até das maiores desgraças.

Outra vez a semsaboria de Lisboa nos apparece como digna de ser invejada, este socego, e este seño decorrer dos dias.

De dois crimes, um d'elles tragicamente provado, o outro ainda envolto em duvidas, deram-nos conta os telegrammas recebidos pelos jornaes e elles teem sido principal assumpto dos diarios da provincia.

Não são elles vulgares em Portugal d'este horrivel genero.

Nos assassinos do Visconde de Castello Borges vêem-se os instinctos sanguinarios que por vezes transformam o homem n'uma verdadeira fera. Não houve para a perpetração do crime outro motivo além do roubo. Uns dois maltezes que se combinaram para commettel-o e que com uma enxada, prostraram ferido no chão o caseiro da quinta, uma senhora ingleza e o dono da casa, esse mais infeliz, expirando poucos minutos depois.

Ha agora suspeitas de que a criada fosse cúmplice dos assassinos e de que estes sejam alguns dos presos ha tempos evadidos da cadeia de Amaranthe.

O caso é horrivel de contar-se, mas, ainda mnto mais repugnante, se vier a provar-se, será o d'aquelle praticante de pharmacia que no Porto deu morte a uma criancinha só para que, provado um erro de aviamento n'uma receita, a condemnação recahisse sobre um outro empregado, a quem, por motivos futeis, queria mal.

Custa a comprehender tamanha malvadez. Qualquer bocadinho de sentimento que se abrigue n'uma alma revolta-se para aceitar a realidade de monstruosidade tamanha. Sejam quaes forem os precedentes do indigitado criminoso, antipathico decerto pelo seu passado, o novo crime de que o accusam é por tal forma repugnante, que em meio do odio que inspira, um instincto de desconfiança sobre as provas apresentadas é natural em todos.

Ha sempre perigo enorme de que, a raiva contra um crime e o natural sentimento d'uma vingança, busquem saciar-se com o primeiro que se indigita como auctor. Não será o caso agora; mas onde todos se apaixonam, difficil é á razão seguir um caminho seguro.

Quantos processos houve assim, perante multidões clamando justiça, que afinal, com applauso unanime, terminaram pela condemnação de innocentes! Quanto mais revoltante fór um crime e mais este bradar por justiça que vingue a victima, maior cuidado deve haver no indigitamento do criminoso e nas provas que adduzirem contra elle.

Tristes novas nos vieram da provincia, como vemos; tristes novas nos vieram do estrangeiro.

Falleceu Alfredo Serrano, que, ha já bastantes dias, se achava muito doente no hospital de Bolonha. Antigo discipulo da Casa Pia, depois alumno do Lycéu e do Curso Superior de Letras, desde muito novo revelára sua intelligencia, como o prova a publicação dos seus livros *Manhã dourada*, versos, uma estreia hesitante, e *Horas de Sol*, que são paginas de bellissima prosa. Chamado para leccionar litteratura portugueza aos filhos do sr. D. Miguel de Bragança, seu espirito educou-se com as viagens e o conhecimento de grandes artistas estrangeiros. Ainda ha pouco, na *Revista Litteraria do Seculo*, demonstrou Alfredo Serrano seus conhecimentos da historia d'arte, como o fizera nas prelecções que ha poucos mezes realisou na Sociedade de Geographia.

Era um excellente moço. Descance em paz.

João da Camara.

HERCULANO

«A teu altar me prosto,
GARREY — Folhas Casias.

«Como um astro brilhante o mundo o admira,
SOARES DE PASSOS — Poemas.

Atrevo-me a apropriar os transcritos versos de dois grandes poetas falecidos, á memoria de Herculano, porque no templo da historia patria tem elle um luminoso altar e tambem brilha como astro no mundo dos historiadores.

Cumpre-nos não deixar no olvido o dia aniversario da morte do solitario de Valle de Lobos. O homem que melhor nos ensinou as razões de orgulho de autonomia e o sentimento de nacionalidade portugueza, o homem que rebuscou arquivos, não temeu a poeira secular e interrogou triunfante as pedras carcomidas e enegrecidas pelos tempos, um tal homem nunca pôde esquecer ao povo cujo berço desentranhou do seio de escuro labirinto e engrinaldou para todo o sempre com a luz pura da verdade.

«Na severidade da fronte, disse D. Antonio da Costa no formoso livro *Auroras da Instrução*, via-se-lhe pintada a rigidez ja alma, emquanto que na melancolia dos olhos reverberava um espelho de sensibilidade que pretendia esconder á multidão, mas que se denunciava aos perspicazes.»

Este era Alexandre Herculano de Carvalho, «historiador sagaz e consciencioso á maneira dos mais presados cultores da historia na Allemanha, conforme se lê em *Os ultimos trinta annos*, por Cesar Cantú, egualando-os, alguma vez excedendo-os, no merito absoluto das suas lucubrações operario, official e architecto do magnifico edificio da Historia de Portugal (infelizmente incompleta), espirito profundo, pensador, creador do romance historico, e dos estudos archeologicos em Portugal (fallecido em 1877)».

Eis justa apreciação em prosa rendilhada, que os factos não desmentem e que as consciencias aplaudem.

«Espírito gigante!» como te chamou Alves Mendes no pulpito de Santa Maria de Belem, no dia 28 de junho de 1888, tu que em 13 de setembro de 1877, no leito da agonia, disseste: «Abram a janella, quero luz!» sê luz inextinguível para as gerações portuguezas por tua obra immortal!

D. Francisco de Noronha.

Instituto Polytechnico

O Instituto Polytechnico é uma casa de educação recentemente fundada e já hoje uma das mais prosperas e acreditadas.

Era um pensionato; o seu actual director e proprietario transformou-o em collegio e do existente apenas aproveitou o titulo e o edificio. Substituiu o mobiliario que havia por outro moderno, systema allemão, uma novidade no genero, satisfazendo a todas as condições pedagogicas. Transformou as salas de aula, installou um laboratorio chimico dos mais completos, modificou o systema de illuminação da casa de estudo, creou emfim, um collegio modelar, uma casa de educação onde nada falta ao alumno, a começar n'uma disciplina firme e inquebrantavel, assente sobre os mais modernos preceitos da pedagogia, sem violencias mas sem tibezas.

A acção educativa exerce-se, n'este excellento collegio, pela persuasão e pelo exemplo, seguindo-se a maxima ingleza; «torna-se a creança homem tanto mais cedo quanto mais cedo como homem se trata», e dando-se assim a todos os alumnos, gradual e progressivamente, a noção do dever alliada á noção da responsabilidade.

De resto, que o Instituto Polytechnico, é uma casa creada com um fim pedagogico previamente definido prova-o a divisa inscripta no escudo que o seu director, e legitimo fundador (pois que como collegio o foi de facto e a elle passado o respectivo Alvará Real) adoptou.

Essa divisa é a seguinte: *rege te ipsum* e vale alguns volumes de sã pedagogia, justamente porque representa o conceito mais avançado em materia de educação.

A divisa da escola antiga, *nosce te ipsum* era inadaptable aos tempos de hoje: — *Conhece-te a ti mesmo*, e isto bastava ao

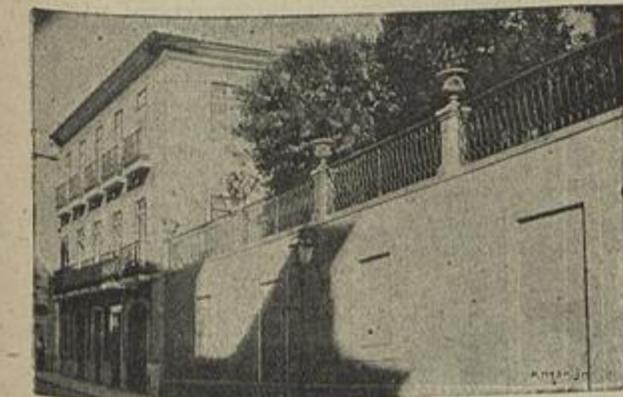


homem de então. *Rege te ipsum* (*dirige-te a ti mesmo*) é um complemento d'aquella divisa, mas complemento indispensavel, porque não basta ao homem de hoje conhecer-se: é-lhe preciso dirigir-se, e, para dirigir-se, dominar-se; para dominar-se adquirir força de vontade, energia caracter: este o fim da escola nova tal como a creou e dirige o fundador e director do Instituto Polytechnico.

Outra innovação introduzida n'este estabelecimento foi a da distribuição das refeições. É rigorosamente scientifica: está calculada por maneira tal que o alumno, ao fim do dia, sem ter repetido nenhum prato, tem absorvido, em substancias albuminoides, gordurosa e hydro-carbonadas, uma equivalência alimentar determinada pela hygiene para um adulto. Mas accresce que os pratos podem ser repetidos sempre que não se haja recusado nenhum anterior.

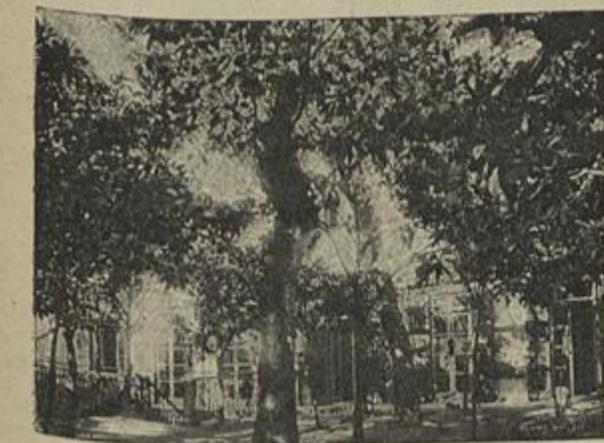
As refeições constam d'uma tabella impressa, que é distribuida aos alumnos na occasião da matricula, com um exemplar dos regulamentos.

Como o edificio dispõe d'um enorme parque arborizado, aproveitou-o o director para fomentar o desenvolvimento de certos jogos, que, pela sua especial natureza, influem poderosissimamente na suppressão dos inconvenientes hoje at-



tribuidos, e com razão, aos grandes internatos. Ainda isto é uma novidade na nossa terra, sendo aliás pratica muito antiga nos bons collegios inglezes, cuja organização o sr. Macedo Pinto conhece muito de perto.

O Instituto Polytechnico, é o primeiro estabelecimento d'ensino particular fundado em harmonia com as rigorosas disposições do Regulamento de ensino de 14 de agosto de 1895. Os seus regulamentos internos, a tabella das refeições dos alumnos, etc., tudo foi devidamente sujeito á apreciação das instancias superiores, ficando o



estabelecimento sob a fiscalisação permanente das auctoridades academicas.

Reportando-nos ao director e fundador, Lindorpe Ferreira de Macedo Pinto, cumpre-nos accentuar que sendo um novo, o não é já de facto em questões pedagogicas que trata desde moço e ás quaes se tem dedicado com tenacidade e vigor. Pelo seu amor e pela sua dedicação á causa do ensino parece ter herdado dos seus ascendentes o mesmo fogo de convicções, que todos elles (uma dynastia de lentes de cursos superiores) sempre demonstraram. Caen-nos sob a penna um trecho do testamento com que falleceu o visconde de Macedo Pinto, lente que foi da Escola Medica do Porto e tio do nosso biographado:

«Pertencendo á grande escola do partido liberal, creio no dogma da evolução e progresso da humanidade como lei providencial, organica e moral; e no poder ou efficacia da instrucção pu-



LINDORPE DE MACEDO PINTO

blica como um dos mais valiosos agentes do progresso.

«Sendo pois innegavel que a instrucção popular é elemento essencial para o bem da sociedade e o mais poderoso agente para a regeneração e desenvolvimento physico das gerações futuras; e que por ella é que o homem do povo ha de elevar o nivel da sua dignidade e como cidadão bem conhecer, devidamente apreciar, e melhor exercer os direitos que a natureza e a sociedade lhe conferem, etc.» seguem-se os legados para uma escola secundaria, para a criação d'um premio annual na Escola Medica do Porto, para a criação d'uma bibliotheca e outros.

Tambem o fallecido lente da Universidade, dr. José Ferreira de Macedo Pinto, deixou affirmado o seu amor á instrucção em alguns discursos pronunciados na camara dos pares na legislatura em que d'ella foi membro eleito pelos collegios scientificos.

Da familia, portanto, herdou o director do Instituto Polytechnico, o seu amor ao ensino e o seu vivo desejo de reformar, aperfeiçoando-os, os velhos processos educativos, sem de modo algum poder vir a cahir no exaggero da imitação — o maior dos nossos males.

Esta tendencia do seu espirito se manifestou recentemente abandonando um logar publico que desempenhava — supremo anhelos da nossa mocidade — para poder dedicar-se inteiramente ao seu collegio, pedaço integrante da sua existencia, diremos alma da sua vida de agora. E no entretanto, o cargo de professor do lyceu de Evora, que resignou, se elle fora um vaidoso, um enfatuado, desejoso de importancia e de cumprimentos, melhor deveria satisfazê-lo.

O *Curso Commercial* que elle organizou expressamente para o seu Instituto é o que ha de mais pratico e tudo quanto conhecemos de mais simples e mais ao alcance das familias remediadas, que precisam vêr os seus filhos collocados ao despontar da virilidade, para serem uteis a si mesmos e aos seus, sem andarem a solicitar a canga pesada e mal paga do emprego publico.

A gravuras que se referem ao Instituto Polytechnico são reproduzidas de magnificas photographias cedidas pelo estimado photographo sr. Vianna, a quem agradecemos.

Exposição de Productos Portuguezes em Buenos Ayres

Devido á iniciativa e activo trabalho do consul de Portugal, em Buenos Ayres, sr. Eduardo Borges de Castro, está estabelecida n'aquella Republica uma exposição permanente de productos portuguezes, que tem chamado a attenção do publico argentino, com apreciaveis vantagens para a industria e commercio portuguez.

Já n'esta revista nos temos referido á Exposição Internacional de Hygiene apreciando as van-

tagens que o nosso commercio poderia auferir de concorrer ao mercado argentino, e quanto n'isso se estava empenhando o sr. Borges de Castro, na sua qualidade de consul, e ainda mais de portuguez, pugnando pelos interesses da sua patria.

De facto só a sua muita dedicação o podia levar a empreender tão util propaganda, quando para isso apenas lhe fôra estabelecido pelo governo portuguez um limitado subsidio que mal chega para a renda da casa onde o sr. Borges de Castro estabeleceu a exposição portugueza, de que apresentamos aos leitores, reproduzindo em gravura uns aspectos da primeira e da segunda salas.

N'estas salas se vê, na primeira: Grande vidreira com artigos de terra colta do expositor Joaquim Lourenço Alves Junior, columna giratoria com photographias representando costumes portuguezes ex. E. Biel & C.^a, grande vidreira com perfumarias ex. Claus & Schoveder, grande vidreira com camisaria da Fabrica Confiança, grande vidreira com sedas ex. Manoel da Motta Fonseca e José Joaquim d'Oliveira—retratos de S. S. M. M. El-Rei e da Rainha—Bibliotheca: Investigações scientificas de S. M., retratos da familia real portugueza, código Ribeiro e livros do ministerio do Reino, grande vidreira com brinquedos da Fabrica União Industrial, vasos artisticos da Fabrica Ceramica das Devezas, etc.

Na segunda sala o retrato do benemerito negociante do Porto commendador José de Souza Faria, grande vidreira com guarda-soes ex. José Joaquim da Cunha Mello, grande estante com conservas ex. Brandão Gomes & C.^a, P. Cavalleri & C.^a successores A. M. de Freitas—azeites ex. Gonçalo d'Almeida Garrett, Gonçalves & Carvalho, José Firmino d'Almeida, Barboza & C.^a, A. R. Romariz & Filhos, no centro grandes mezas com latas de azeitona e azeite ex. Antonio Gomes da Silva Barrosa etc.

Vidreira com palitos de varios expositores, vidreira com doces de Gonçalves & Carvalho, José Candido da Silva e Conceição M. A. Souza & Filho, bollachas ex. E. Conceição Silva & Irmão etc.

Seguem-se 3.^a 4.^a 5.^a 6.^a e 7.^a salas, Grande pátio e entrada do edificio.

Na 3.^a e 4.^a sala é a secção dos vinhos (quatro mil garrafas), 5.^a sala tecidos, 6.^a sala-papeis pintados, louças, porcelanas, velas de cera, moveis etc.

7.^a sala (salão) grande variedade de vidreiras com diferentes artigos.

Pátio colleções de mosaicos ferrataria, vasos, rolhas e cortiça, aguas minerais etc.

Entrada, photographias, balões venezianos, (Coimbra) vasos, estatuas etc.

Todas as salas teem lustres a gaz, assentos, mezas com reclames, avisos, preços-correntes etc.

Como Exposição-mostruario é a mais importante que se tem feito na Republica Argentina.

Acabam de chegar vinhos da Madeira de: F. Ferraz, A. Preis Scholtz & C.^a, e V.^a Abudurhan & Filhos. E' a primeira vez que tenta introduzir-se aqui vinho da Madeira.

E' facil calcular o grande trabalho e sacrificios do sr. Borges de Castro para organizar esta exposição, que está sendo muito apreciada, e os importantes resultados que pôde dar para o nosso paiz.

Em *Le Courier de la Plata*, de 20 do mez passado, deparamos com uma noticia referente á visita que o senador francez M. Calvet fez á exposição portugueza:

«M. Calvet a visité hier l'exposition permanente de produits portugais, parcourant très minutieusement toutes les salles et s'intéressant à tous les articles exposés.

En se retirant, M. Calvet a vivement félicité M. Castro, consul de Portugal, de l'effort tenté et a fait des vœux pour la prospérité du commerce portugais en Argentine.»

O senador Calvet escreveu no livro dos visitantes illustres:

Buenos Airés, 19 Aout 1904.

«L'exposition portugaise est fort interessante. Les promoteurs ont donné un excellent exemple que devrait être suivi par les autres nations d'Europe, dans l'intéret commun des producteurs et de la consommation argentine.

Sénateur Calvet.»



José Agostinho d'Oliveira — Capitão Prostés da Fonseca — Eurico Mengo (Escripturação Commercial) — Engenheiro Alberto Potier (Director do laboratorio chimico) — Architecto João Antonio Piloto (Desenho).
Antonio Carlos de Faria (Instrucção Primaria) — D. Maria Pontes de Goes (Aula infantil) Lindorpe de Macedo (Director) — Durval de Macedo (Mathematica e sciencias naturaes) Carlos Canedo (Allemao).

CORPO DOCENTE

São um testemunho insuspeito as palavras de M. Calvet, que mediu bem o alcance economico que o promotor d'esta exposiçào teve em vista e de quanto terá a lucrar com ella, muito especialmente, a agricultura portugueza como principal industria do nosso paiz.

Nem tudo, porém, são rosas e agora mesmo recebemos do sr. Borges de Castro uma extensa exposiçào que nos surprehendeu, e que decerto vae surprehender o leitor.

A simples transcripção de alguns periodos da carta do sr. Borges de Castro é bastante para mostrar como, infelizmente, nas regiões officiaes se attende aos interesses do paiz e se apreciam os serviços dos seus funcionarios.

«Ao iniciar a expansào commercial entre o nosso paiz e a Republica Argentina, o sr. conselheiro João Arroyo, então ministro dos estrangeiros, me accordou um pequeno subsidio para as minhas despesas pessoais e não para as que derivassem da exposiçào, para cujo exito jámais contribuiu. Esta é a verdade. Entretanto, foi tal a minha paixào por esta missào de que fui encarregado pelo illustre ministro, que a ella me entreguei arrostando com todas as contrariedades. Da parte da Associação Commercial de Lisboa, nunca recebi instrucções nem dinheiro, havendo ella entrado n'este assumpto como Pilatos no Crédo.

Como lhe ia dizendo, a minha paixào foi tal, que a maior parte d'esse pequeno subsidio era absorvido pelo aluguel do edificio aonde está estabelecida a *Exposiçào de Productos Portuguezes*, cujos resultados



O Prefeito Manoel Fernandes Coelho — Carlos Berneaud
Claudio Costa — Affonso Bastos
Mario Moraes — Coelho Marques — Paulo Berneaud — Francisco Antunes

UMA ÉQUIPE DE FOOT-BALL

beneficos se fizeram sentir desde seu principio, causando a admiraçào de todos os visitantes. Esse subsidio me foi enviado regularmente, porém, succede, que me é suspenso no mez de julho ultimo.

Avalie, pois, V. Ex.^a a desesperada situaçào em que essa falta me veio collocar, cortando de raiz todos os meus patrioticos e incansaveis esforços durante largos mezes, havendo conseguido desenvolver extraordinariamente a importaçào de productos do nosso paiz e tendo encaminhado muitas negociações sobremaneira importantes, especialmente nos vinhos, cuja introducção aqui me tem obrigado a uma campanha constante e trabalhosa.

Retirado o subsidio, que me permittia, ainda que com grandes difficuldades, seguir adiante, sou forçado a suspender a proveitosa e mais notavel propaganda que havia encetado, sem sacrificios para ninguem, assim o declarando a todo o commercio que em Portugal principiava a confiar no meu empenho, satisfazendo aos pedidos que d'aqui recebia de casas importantes.»

Parece-nos dispensavel commentarios e só deve restar a esperanza de que o governo não deixará de attender a tantos interesses compromettidos e á justiça da causa do benemerito consul portuguez, sr. Eduardo Borges de Castro.

R.

Os rochedos da praia

(LENDA)

Ao luar, linda banhista, passeias leve por sobre o fófo tapete da areia moveidica da praia, e



GRUPO DA INSTRUCÇÃO SECUNDARIA COM O DIRECTOR

quantas vezes o mar, esse velho travesso, não te vêm beijar o pésinho gracil? A sonhar sonhos azues como a saphyra do céu, pervagando os teus olhos negros como a treva pela vastidão das aguas, não tens visto tantas vezes emergindo da liquida superficie os rochedos da praia, mythicos monstros, negros como Satan, encadeados para sempre alli?

E fóra na verdade um justo castigo infligido por um desacato á soberana belleza feminil o que alli os petrificara, cercando-os continuamente com as fustigadoras e sempre moveis aguas do mar.

Diz-se que acontecera esta tragedia lá nos mythicos tempos antigos. Então a praia visinha d'um bosque sagrado era o lugar predilecto para o banho nocturno das nymphas e naiades. Respiravam-se alli em doce volupiar os perfumes orientaes do nardo e do cinamomo.

D'uma vez—era n'um plenilunio—banhava-se então no mar um enorme bando de nymphas descuidadas.

Desnudas, alabastrinas, n'um alacre chilrear como de andorinhas, que delicioso espectáculo desenrolado á vista dos deuses, mas vedado aos simples mortaes!

Devia ser assim a superficie tranquilla das aguas sorventes d'um lago completamente matizado de corollas brancas de nemphares a boiar.

A Lua, então no seu maximo fulgor, talvez que rejubillasse immenso ao vê-las assim, e tentasse atirar-se cá abaixo para se banhar tambem com as suas lindas irmãs!

Mas um enorme perigo lhes estava imminente. Os horriveis faunos e satyros dos bosques visinhos, irritados extremamente pela fria insensibilidade das bellas nymphas, tinham jurado vingarse, surprehendendo-as traçoeiramente nos seus banhos nocturnos.

Para conseguirem isso reuniram-se aos cardumes, e esse bando negro e informe dirigira-se resolute e desenfreado para a praia deserta.

Imagina, linda banhista, que terrivel surpresa lhes estava então preparada!



INSTITUTO POLYTECHNICO — GRUPO DA INSTRUÇÃO PRIMARIA COM O PROFESSOR

No delirio do seu intento chegaram a entrar muito pelo mar em doida perseguição das pobres nymphas, que cheias de susto soltavam altos gritos de desespero.

Mas a rainha do amor e da belleza velava lá no Olympo pelas suas protegidas. Quando julgavam tê-las aconchegadas bem junto de si sentem correr-lhes por todo o corpo um frio lethal.

Venus Aphrodite tinha-os petrificado de repente, metamorphoseando-os n'esses duros e brancos rochedos que, présagos, agourentos, erriçam a costa.

Por este castigo em que transparece claramente a colera d'uma deusa irritada ficaram ellas para sempre livres dos seus eternos perseguidores.

Com sacrificios, folguedos e cantares em honra da deusa da belleza, ficaram perpetuando, ao longo da praia, este seu nunca esquecido beneficio. Provirá d'aqui a origem do veraneio nas praias?

Agora, linda banhista, quando fôres á orla do mar, saltitando pelos rochedos á procura de algas para os teus albuns e crustaceos e conchas para as tuas collecções, não tenhas pejo de calcar sem dó esses monstros que tentaram ultrajar as tuas antecessoras—formosas e antigas banhistas.

Pova de Varzim

P.

CEZIMBRA

Esteve em festa nos dias 18 e seguintes, a villa de Cezimbra, das mais antigas com seu lindo castello, lá no dorso do monte a dominar a povoação que se revê nas aguas do Oceano.

Foram as festas de Santa Cecilia que alegraram a villa e que d'esta vez tiveram o duplo fim de beneficiar a corporação dos bombeiros voluntarios de Cezimbra, revertendo em seu proveito o producto de um bazar, para que muitos concorreram com valiosas prendas.

Fim humanitario e civilizador que enaltece aquelle povo, que nos ultimos tempos se tem desenvolvido com um verdadeiro desejo de progredir, o que muito é de louvar.

A' beira do Oceano, a principal industria do povo de Cezimbra é a pesca, e como povoação pescatoria é das mais florescentes que se encontram na nossa costa.

Povoação antiquissima já existia anterior á era de Christo e El-Rei D. Diniz lhe deu foral de villa em 1323.

Foi cabeça da commenda da ordem de S. Thiago e foram seus commendadores os duques de Aveiro.

Hoje a villa de Cezimbra vae prosperando a olhos vistos e será bom que páre no seu desenvolvimento.



EXPOSIÇÃO DE PRODUCTOS PORTUGUEZES EM BUENOS-AYRES — ASPECTO DA PRIMEIRA E SEGUNDA SALAS



CEZIMBRA

O JORNALISMO

Por Alberto Bessa

(Esboço histórico da sua origem e desenvolvimento até aos nossos dias). — Lisboa, Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso.

Eis-nos em presença de um volume de Alberto Bessa, o nome do qual é já bem conhecido na república das letras.

O *Jornalismo*, porém, deu maior brilho á sua individualidade de escriptor, ha de marcar-lhe logar distincto perante a critica do futuro.

Desde a capa do volume que em estampa cuidada revela o serviço de informação telegraphica do *Times* na presente conjunctura de guerra no Extremo Oriente até a *Addenda* e os proprios indices que o fecham tudo ahi está bellamente disposto e ordenado, formando um conjuncto delicioso e empolgante como se não regista com frequencia em publicações.

O volume abrange 367 paginas, comprehendidas n'este numero 22 de introito em que se acham impressas a dedicatória ao illustre director do *Diario de Notícias*, um artigo prefácio do brilhante stylist Edmund d'Amicis, intitulado *O Jornal e o Publico*, e, emfim, uma nota explicativa do auctor ao leitor onde mostra como de sua conferencia realisada em 9 de março d'este anno, na Sociedade Litteraria «Almeida Garrett», nasceu a idéa do actual trabalho, de maior amplitude e de maior folego.

Diz, e diz com muita propriedade Alberto Bessa no termo da referida nota: «E' certo que lhe hão de encontrar lacunas — e qual é o livro que as não tem?!» ao que accrescenta logo: «mas quem não estiver de má fé ha de reconhecer que o auctor, nas opiniões que emite, se inspirou na sinceridade sem a nenhum outro sentimento attender».

Em seguida, n'um quadro de soberba prosa *Synthese da Imprensa*, faz a apologia do potentissimo instrumento civilizador, e entra no assumpto propriamente dito dividido nos quatorze capitulos seguintes: «A necessidade da convivencia — Origem da publicidade periodica — Origem das «folhas» e das «gazetas» — O jornalismo na Inglaterra — O jornalismo em França — O jornalismo em Portugal e Hespanha — O jornalismo na China — O jornalismo no Japão — O jornalismo na America — O jornalismo no Brazil — Jornaes orientaes e argentinos — O jornalismo na Russia — O jornalismo em diversos paizes — O jornalismo no futuro. Conclusão».

Depois da citada conclusão encontra-se ainda uma curiosa e interessante *Resenha chronologica e alphabetica do jornalismo brasileiro desde 1808 a 1900*, rematada pela *Addenda*, alludida, só relativa ao jornalismo do Estado de S. Paulo.

Esmerou-se Alberto Bessa em obter elementos valiosos para organizar o magnifico volume rico de *fac-similes* e gravuras, que nos fazem conhecer a evoluçao do jornal atravessando as edades.

Prestou evidentemente um serviço de incontestavel excellencia ás letras patrias e aos sedentos de saber.

Ha, não nego, bastante trabalho material e de compilação no volume *O Jornalismo*, mas, equal-

mente avultam n'elle a diligencia sensata de investigação, a clareza de linguagem e a logica de conceitos.

Lendo-o, ficase em contacto com o mundo civilizado, sente-se a alma satisfeita e commovida pelos progressos da Imprensa e de todos os povos que sabem acolherse a sua luz emancipadora e saluberrima.

Um dos mais primorosos capitulos do livro é, para mim, aquelle em que o auctor se occupa do jornalismo da Inglaterra, paiz onde a publicidade

arrancava ao condé de Montalembert, ha mais de 40 annos, estas palavras significativas: «Ao falar das instituições e tradições da Inglaterra, das que não só podemos invejar-lhe mas mesmo copiar em proveito de nossa sociedade democratica, se se busca attentamente qual é o principal instrumento de similhante mecanismo tão solido e tão complexo, o penhor efficacissimo da posse de tantos bens antigos e novos, inclino-me a acreditar que elle reside na publicidade».

O capitulo consagrado pelo auctor ao movimento jornalístico dos Estados-Unidos da America do Norte merece tambem, quanto a mim, especial menção.

Com effeito, não se lê sem entusiasmo a parte de um volume que relata por meio de algarismos o que seja a Imprensa no meio de um povo onde circulam jornaes de 600:000 exemplares de tiragem quotidiana e onde existem redactores vencendo 9:000\$000 réis por anno!

«Nos Estados-Unidos, dizia o grande Tocqueville, fallecido antes de 1864, quasi não existe aldeia que não tenha o seu jornal.»

D'aqui felicito calorosamente Alberto Bessa pela sua obra sobre o jornalismo, que está escripta com sentimento e com verdade.

D. Francisco de Noronha.

NECROLOGIA

CONSELHEIRO LUIZ BIVAR

Foi com verdadeiro sentimento que Lisboa recebeu a noticia da morte do sr. Conselheiro Luiz Bivar.

Correligionarios e amigos, politicos de todas as facções deploram a perda d'este prestimoso parlamentar, que na presidencia da camara dos pares soube sempre conservar o prestigio do seu alto logar, resolvendo as questões do regimento sem hostilizar os seus adversarios e conservando no meio das mais violentas discussões politicas a serenidade e a frieza precisas, afim de que a sua intervenção, muitas vezes necessaria, não fosse tomada á conta de facciosismo partidario.

Na vida publica como na particular era considerado um character austero e independente; e em affabilidade, fino trato, e dotes de coração poucos o saberão imitar.

O conselheiro Luiz Frederico de Bivar Gomes da Costa, morreu na Praia da Rocha, a pouca distancia de Portimão, no dia 9 do corrente, n'uma casa de campo para onde costumava ir veranear.

Era natural de Faro, onde cursara os preparatorios, até que veio para Coimbra onde se formou em direito em 1851.

A 20 de Abril de 1853 foi nomeado delegado do ministerio publico para

Tavira e d'ali transferido para Faro em 8 de junho do referido anno, voltando novamente para Tavira em 13 de agosto de 1856.

Em 9 de julho de 1862 nomeado juiz de direito da ilha de S. Jorge, d'onde foi para a comarca de Macedo de Cavalleiros, por decreto de 29 de março de 1865, e transferido para a comarca de Porto de Moz em 11 de maio do mesmo anno.

Eleito deputado em 5 de dezembro de 1865, abandonou as suas funções de juiz que reassumiu em 1 de julho de 1866.

Foi promovido a juiz de 2.ª classe para Loulé por decreto de 19 de julho de 1866, e a juiz de 1.ª classe, para Évora, por decreto de 23 de dezembro de 1872, sendo d'esta comarca transferido para Silves em 10 de julho de 1873.

Em 18 de abril de 1876 foi nomeado, pela meza da camara dos deputados, para fazer parte da comissão encarregada da reforma da divisão judicial do Ultramar.

Tendo completado o sexennio foi transferido para a 6.ª vara de Lisboa, por decreto de 24 de fevereiro de 1879 e promovido em seguida a juiz de 2.ª instancia e nomeado para a Relação dos Açores por decreto de 12 de outubro de 1882, d'onde veio para a Relação de Lisboa em 21 de julho de 1883.

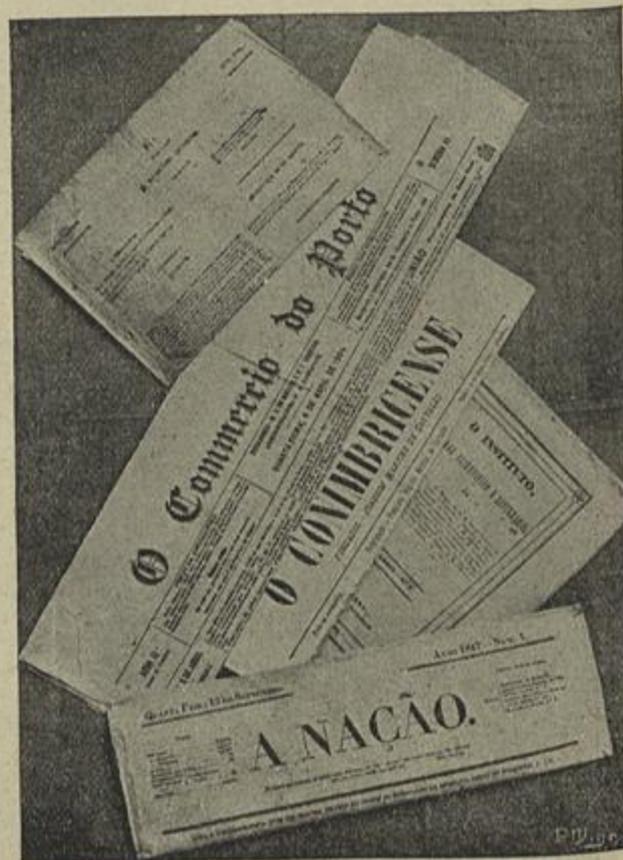
Pelo decreto de 24 de abril de 1890 foi nomeado vogal da comissão da reforma judicial; por decreto de 24 de dezembro de 1893 vice-presidente da Relação de Lisboa, logar de que tomou posse em 13 de janeiro de 1894, sendo afinal nomeado presidente da Relação de Lisboa em 20 de junho do referido anno.

Exerceu o mandato de deputado desde a legislatura que teve principio em 30 de julho de 1865 até 14 de janeiro de 1868; e, depois, de 1875 a 1885 e o cargo de presidente da camara electiva desde 1882 até 1885.

Tomou posse em 11 de fevereiro de 1886 do logar de membro da camara alta, para que havia sido eleito pelo collegio districtal do Porto em 1885, sendo nomeado par do reino vitalicio em 30 de julho de 1890, e presidente da camara alta em 27 de dezembro de 1894 cargo que desempenhou até á queda do gabinete regenerador em 1897, voltando a exercer esse importante logar em 29 de dezembro de 1901.

Foi agraciado com a mercê do titulo de conselheiro por decreto de 28 de julho de 1894, membro do conselho de Estado em 13 de março de 1902, grã cruz da ordem da Torre e Espada em 1903, commendador e gran-cruz da Real Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo em 1 de janeiro de 1895 e juiz conselheiro do supremo tribunal de justiça em 8 de novembro de 1900.

A assistencia aos funeraes do illustre extincto formou um immenso cortejo em que se incorpo-





PRIMEIROS JORNAES LIBERAES PORTUGUEZES



ALGUNS JORNAES PORTUGUEZES ANTIGOS



ALGUNS JORNAES PORTUGUEZES PUBLICADOS NO ESTRANGEIRO



ALGUNS JORNAES ANTIGOS DO PORTO



JORNAES DA CHINA

rou o bispo da diocese de Faro, ficando os seus restos depositados em jazigo de familia no cemiterio da Esperança.

No cortejo incorporaram-se não só as pessoas mais gradas da cidade de Faro, as camaras e as administrações dos concelhos de todo o districto.

Foi uma homenagem justa e espontanea, que bem evidenciou o grau de respeito e alta consideração em que era tido o conselheiro Luiz Bivar.

ALFREDO SERRANO

Foi um telegramma expedido pelo dr. Rachini, medico do Hospital Maior de Bolonha, Italia, que deu aos amigos do mallogrado moço, em Lisboa, a triste noticia da sua morte.

Ha dias que a nossa imprensa diaria se occupava da saude de Alfredo Serrano, que, tendo subitamente adoecido com um typho trazido de Hespanha, onde havia percorrido algumas cidades em digressão artistica, fôra obrigado, pela gravidade do seu estado a recolher áquelle hospital onde se deu o desenlace fatal no dia 16 do corrente.

Alfredo Serrano era muito conhecido do nosso mundo intellectual; aqui cursára o lyceu passando ao cur-

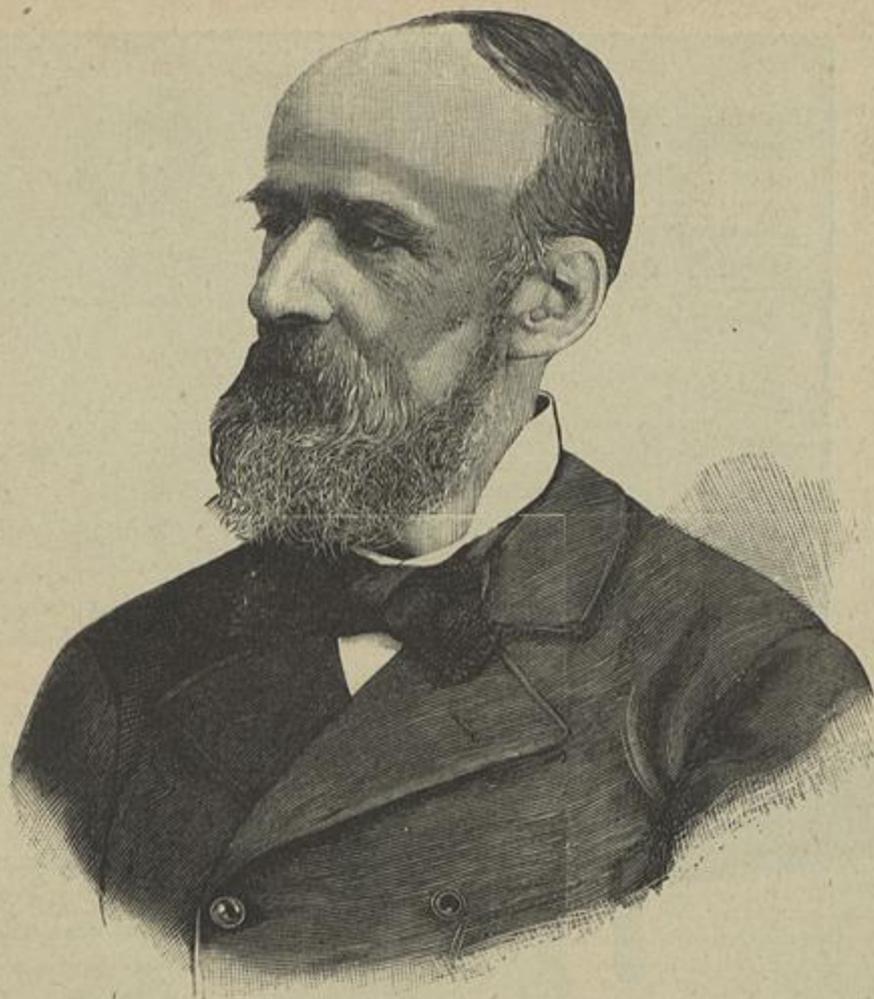
so superior de letras, tendo sido um alumno distincto da Casa Pia, onde o levaram a orphanidade do pae e a falta de recursos da familia.

No lyceu fôra elle um dos mais entusiastas iniciadores da manifestação de homenagem a João de Deus, e, foi já alumno do Curso Superior de Letras que o seu ideal politico começou a manifestar-se, tornando-se um dos mais calorosos defensores do governo absoluto.

Foi ainda nos bancos do lyceu que compoz os seus primeiros versos, obtendo mais tarde um grande exito o seu livro de prosa intitulado *Horas de Sol* e sendo tambem admiravelmente recebido pela critica a sua série de poesias *Manhã Dourada*, prefaciado por Theophilo Braga e dedicado a João de Deus.

Como escriptor Alfredo Serrano deixou ainda outros trabalhos ineditos, entre os quaes um drama inspirado na *Blanchette*, affirmando-se um jornalista primoroso em muitos artigos scintillantes publicados no jornal *A Nação*, de que foi um dos redactores effectivos, em assidua collaboração no *Seculo*, onde deixou muitas provas da sua erudição, e nas chronicas, que simultaneamente escreveu para muitos jornaes brasileiros, que são outros tantos prodigios do seu magnifico talento.

De tal fórma, porém, Alfredo Serrano se evidenciou na defesa das idéas absolutistas, acompanhando com a palavra e com a penna os seus



CONSELHEIRO LUIZ FREDERICO DE BIVAR GOMES DA COSTA



ALFREDO SERRANO

partidarios, quer fazendo conferencias no Centro legitimista, quer collaborando assiduamente na *Nação* e n'outras folhas d'aquella politica, que, ha annos, o Sr. D. Miguel de Bragança o havia convidado para professor de portuguez de seus filhos D. Miguel e D. Francisco José, dando-lhe assim um testemunho de grande consideração e apreço pelos seus dotes intellectuaes e pelos seus serviços.

As funcções de perceptor de Alfredo Serrano limitaram-se, pois, ao ensino da lingua e litteratura portugueza e n'essa missão se houve com

tal merito que mereceu o elogio e applauso de quem o havia chamado a esse elevado cargo de confiança.

Ultimamente pozera de parte os seus estudos litterarios para se consagrar á historia da arte e á critica da pintura, e no desempenho d'esse sacerdocio, se lhe poderá talvez chamar, percorria os principaes centros artisticos do estrangeiro, visitando os melhores museus da Europa.

São ainda recentes as conferencias que Alfredo Serrano realisou na Sociedade de Geographia, onde tão valiosos e vastos conhecimentos

mostrou ter dos assumptos de arte a que se dedicava ha annos com estudo aturado e criterioso.

Depois de tantos annos ausente da patria pensava elle agora em vir estabelecer-se definitivamente em Lisboa Não o quiz assim o destino, e lá ficou para sempre longe dos amigos e dos parentes, sem um coração dedicado a quem podesse confiar a derradeira vontade e lhe guardasse o ultimo suspiro.

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes

DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS } Senhoras — ás 10 horas da manhã
Homens — ás 3 . da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

Vierling & C.^{TA} — LIMITADA

Cambio e papeis de credito

44, Rua do Arsenal, 46 — 1, Praça do Municipio, 2

LISBOA

Telephone 611 — Endereço telegraphico **STERLING** — LISBOA

**LE DI TIONNAIRE
DES SIX LANGUES**

Médaille à l'Exposition Universelle
de Paris de 1900

**Français, Allemand, Anglais, Espagnol,
Italien et Portugais**

Prix 25 francs ou 1 f

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Univera de Paris de 1900



**Magnifico sortimento de fazendas
nacionaes e estrangeiras**

R. do Alecrim, 44, 1.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

Patisserie Internationale

Porto & Com.^{ta}

53, Avenida da Liberdade, 53, LISBOA

NEVE

Todos os dias ha variedade em sorvetes e carapinhadas e continúa esta tão já acreditada casa a receber das nossas provincias as suas melhores especialidades.

Doces e bolos de todas as qualidades

Fornece lunches, soirées e bailes

Bilhetes postaes illustrados

Edição Faustino A. Martins

Praça de Luiz de Camões, 35 — LISBOA

Esta edição é a mais notavel que existe em Portugal não só pela grande variedade e escolha do assumpto, como pela nitidez e perfeição artistica.

A edição **Martins** comprehende já cerca de 1000 variedades entre as quaes figuram: Família Real Portugueza e todos os soberanos agrupados por dynastias; monumentos, edificios notaveis, vistas de Lisboa e muitos pontos do paiz, assumptos militares, maritimos, agricolas, tauro-machicos, theatraes, vultos notaveis em todas as sciencias, etc., etc.

Cada duzia 200 réis. Para revender condições muito vantajosas